

Autora | Author

Patrícia Lima Martins Pederiva*
[pat.pederiva@gmail.com]

DOSSIÊ

EDUCAÇÃO ESTÉTICA

A EDUCAÇÃO ESTÉTICO-MUSICAL E O DESENVOLVIMENTO DA MUSICALIDADE HUMANA

AESTHETIC-MUSICAL EDUCATION AND THE DEVELOPMENT OF HUMAN MUSICALITY

Resumo: o presente texto busca elucidar o que seria uma educação estética em música, com base na teoria histórico-cultural de Lev Semionovich Vigotski. Para isso, em primeiro lugar, faz a devida crítica ao campo da educação musical como atividade escolarizada. Após, situa historicamente essa teoria e seu criador. Depois, traz a concepção de educação e desenvolvimento humano para Vigotski. Em seguida, discute as bases propostas pela teoria para tratar a arte. Por fim, posiciona a atividade musical no campo da educação estética e sua essência, que é o trabalho educativo para o desenvolvimento da musicalidade humana e indica as implicações que essa afirmação possui, como um pilar de uma educação estético-musical para o desenvolvimento humano em sua integralidade.

Palavras-Chave: educação estética, musicalidade, desenvolvimento humano, teoria histórico-cultural, Vigotski.

Abstract: *The present text aims to elucidate what would be an aesthetic education in music, based on the historical-cultural theory of Lev Semionovich Vigotski. For this, in the first place, it makes due criticism to the field of musical education as a school activity. After, it historically situates this theory and its creator. Then, brings the conception of education and human development to Vygotsky. It then discusses the foundations proposed by the theory for dealing with art. Finally, it positions musical activity in the field of aesthetic education and its essence, which is the educational work for the development of human musicality and indicates the implications that this statement has as a pillar of aesthetic-musical education for human development in its completeness*

Keywords: *aesthetic education, musicality, human development, historical-cultural theory, Vygotsky.*

A atividade musical, enquanto atividade educativa institucionalizada, principalmente no âmbito da educação pública, no Brasil, teve, e ainda tem diferentes intencionalidades, alheias ao próprio objeto da educação musical. Entre elas, a de catequização, de socialização, de controle de comportamento de crianças, de organização da rotina escolar, de entretenimento, de memorização de conteúdos, música para alcançar alguma coisa externamente à própria atividade. (inteligência, concentração etc.) etc. (MARTINEZ E PEDERIVA, 2013).

Além dessas funções, Pederiva (2009), afirma que a atividade musical institucionalizada nas escolas agregou em seu modo operante, características

Recebido em: 07/05/2018

Aceito em: 06/07/2019

intrínsecas ao processo de escolarização. Hierarquia, seriação, disciplinamento, quantificação, conteúdos engessados, segregação, aprendizagem do “vir a ser”, espetacularização, geração de produtos musicais.

Gonçalves (2017), ao analisar a educação musical na contemporaneidade assegura que,

A educação musical, como está posta, não é direcionada para todas as pessoas e nem para todas as tradições ou manifestações musicais. É uma educação musical que se traduz pela “primazia do ouvido” e que não releva todos os sentidos humanos. É uma educação musical que tende a não lidar com pessoas com defeitos físicos e a marginalizar os indivíduos que não compreendem a notação musical convencional. É uma educação musical que se debruça em legitimar a ideia de que existiriam sonoridades universais (...), renegando outras formas melódicas oriundas de grupos étnico-raciais variados. É uma educação musical que afirma ser a música europeia a mais “evoluída” e que todas as outras seriam primitivas. É uma educação musical de cunho racista, portanto. É uma educação musical que confunde o desenvolvimento da musicalidade com a leitura de signos musicais convencionalmente convencionados. É uma educação musical que valoriza demasiadamente os aspectos puramente musicais em detrimentos dos educativos, culturais. É uma educação musical que delimita, a priori, o limite do desenvolvimento musical das pessoas e mais, valida a ideia de que todos se desenvolveriam musicalmente da mesma maneira. É uma educação musical que, enquanto atividade, não respeita a vivência musical dos alunos e nem sequer trabalha com o repertório trazido por eles, na maioria das vezes. É uma educação musical que ainda não sabe qual é o seu real objeto de estudo ou que ainda não possui bases teóricas sólidas. Enfim, buscamos demonstrar que as principais teorias da educação musical não conseguem, dentre outras coisas, vislumbrar o ser humano cultural, para além do biológico, do inato, do hereditário, do genético (GONÇALVES, 2017, p. 234).

A educação musical, dessa forma, não tem atendido aos anseios da relação ser humano-atividade musical, como verdadeiro processo educativo, que compreendemos como o desenvolvimento humano em suas múltiplas possibilidades. Nos espaços destinados à aprendizagem, ela tem se resumido ao que denominam do tempo destinado ao lúdico, ou, à preparação de datas comemorativas, ou seja, o tempo da espetacularização.

O ensino da música, já denunciava Vigotski em 1924, tem acontecido de modo maçante, e por meio de experiências in-

frutíferas, de instrução da aparência, para crianças da classe média. Muito tempo é gasto com técnica, anos de trabalho e infrutíferos resultados, apenas em nome de uma boa educação, ou de interesses estranhos à própria atividade musical. Essa denúncia, em grande parte, ainda é pertinente nos dias de hoje.

Olhar, escutar, perceber, sentir, que parece um trabalho simples, não é tarefa fácil para o psiquismo humano, e precisa ser mais bem compreendido. É por esse motivo, entre outros, que o campo da apreensão estética tem sido tão pobre, porque os professores ainda não entendem a complexidade das diversas atividades artísticas, entre elas, a musical (VIGOTSKI, 2003).

Compreende-se por meio das críticas acima elencadas, que a atividade musical nos modos descritos, não é pensada como atividade educativa. Para isso, afirma Gonçalves (2017), é preciso entender a unidade educação-música, como algo coeso e inseparável, uma atividade humana que só pode ser exercida se tratada em seu caráter uno e dialético.

O autor defende que:

A perspectiva histórico-cultural une o que a educação musical parece ter separado: a arte da música (enquanto estética) da educação. A teoria histórico-cultural de Vigotski une o estético ao educativo. Por isso, o termo educação estética passa a fazer muito sentido nessa vertente teórica. Compreender a educação musical enquanto educação estética é relevar todos os fundamentos educativos e estéticos que a teoria em tela nos propõe. É constituir uma educação musical calcada nessas bases (GONÇALVES, 2017, p. 251)

Para elucidar a teoria histórico-cultural de Vigotski, que nos convida a pensar e atuar no campo da educação musical em sua unidade iremos, a partir desse momento, em alguns parágrafos, contextualizar essa perspectiva em sua historicidade, bem como seu autor, o papel do russo Lev Semionovich Vigotski perante essa psicologia.

A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DE LEV SEMIONOVICH VIGOTSKI

Rússia, Revolução de outubro de 1917.

Desencadeava-se nesse país, como afirma com Prestes (2012), a instalação do poder dos soviets que, após a queda

do império czarista, gerou enormes desafios de cunho cultural, econômico, político e social.

De acordo com Caruso (2007), uma nova etapa da história mundial, para além da soviética, foi inaugurada com a tomada de poder dos bolcheviques. Na União Soviética, inaugurou-se um espírito de reforma, principalmente relacionada à cultura, como um grande campo de experimentação, essencialmente vinculados às atividades estéticas e políticas.

Caruso (2007), relata que, nesse período, havia um esforço de aculturação das massas, bem como de revolução cultural. A cultura e a educação eram vistas como peças-chave da emancipação do povo e, ainda, como uma maneira de prepará-los para uma nova forma de vida civil.

Nesse contexto, a educação passou a ser prioridade, como direito de todos os cidadãos, necessitando de um novo sistema de instrução. A tarefa principal nesse período era “criar os fundamentos da psicologia e da pedagogia, que tinham por objetivo a formação do homem novo, o que criava a demanda de novos modos de pensar a ciência” (PRESTES, 2012, p. 11).

Os objetivos da educação, afirma Prestes (2012), deveriam corresponder aos pilares da revolução proletária. Para essa nova sociedade, necessitaria surgir uma pedagogia soviética, contraposta aos princípios da pedagogia burguesa, em prol do “humanismo, coletivismo, internacionalismo, democratismo, respeito à personalidade do indivíduo” (PRESTES, 2012, p. 12). O trabalho produtivo e o desenvolvimento integral das crianças, adolescentes e demais membros da sociedade deveriam fundar a nova educação.

De acordo com Prestes (2012, p.14), “durante a década de 1920, todos os esforços deveriam estar voltados para as tarefas postas na ordem do dia pela revolução (...). A formação do homem novo e da escola nova, baseada nos princípios humanistas precisava de todos os que acreditavam na transformação do país”. Foi nesse contexto que nasceu e viveu Lev Semionovich Vigotski em 17 de novembro de 1896, em Orcha, na antiga Bielorrússia.

Vigotski presenciou transformações sociais abruptas. Nasceu nos anos finais do século XIX em uma nação em crise que buscava seu lugar na modernidade com projetos políticos e culturais radicais, recheados de um espírito de esperança que combinavam com a modernidade política insurgente. Vigotski presenciou o czarismo tardio sendo liquidado pelos crescentes movimentos sociais que culminariam em ações que transformariam para sempre o rumo de seu país (...). A Revolução Russa de 1917 trouxe junto com ela um certo “ar de otimismo e novidade”, possibilitou o fervilhar de ideias e buscas filosóficas que fundamentassem uma nova sociedade

(socialista), uma psicologia soviética nascente e um Homem Novo ou ser humano socialista (GONÇALVES, 2017, p.100).

Entre os anos de 1925 e 1930, Vigotski, com seu grupo, por ele liderado, realizou estudos e pesquisas que inauguraram uma nova psicologia e pedagogia, que levavam a novos modos de compreender o ser humano e sua relação com o mundo.

A teoria emergente defendia uma influência consciente sobre o processo educativo na formação do novo homem, apontando para a possibilidade do surgimento de uma nova escola, sobre novas bases educativas e psicológicas. Essa perspectiva foi denominada de Histórico-cultural.

A teoria histórico-cultural emerge sobre fundamentos teóricos e epistemológicos explícitos. Seu autor declara, em toda a sua obra, sua base teórico-marxista e sua filosofia spinozista.

O caráter marxista da obra de Vigotski permite compreender que o ser humano se funda na cultura, em meio ao trabalho, os signos e as ferramentas. Ou seja, nossa humanidade enquanto espécie cultural é engendrada nas relações humanas em meio à cultura. Isso permite inferir, que todos podem se desenvolver, se tiverem acesso a esses meios. Desenvolvimento, dessa forma, é condição ontológica para os seres culturais. A educação surge, nesse modo de pensar, como alavanca propulsora das potencialidades humanas, que todos nós temos, de nos desenvolvermos de modo integral, todas as nossas capacidades.

Os fundamentos spinozistas aparecem em Vigotski em seu olhar monista sobre os fenômenos. Para ele, o ser humano, em sua humanidade cultural, é uma síntese dialética que não descarta o biológico, mas que se funda sobre ele. O ser humano visto dessa forma é uma unidade indissociável, indivíduo-cultura, afeto-intelecto, mente-corpo, etc.

Na perspectiva histórico-cultural (...) há a superação desses dualismos – biológico e cultural; indivíduo e sociedade – tais aspectos da constituição humana não são compreendidos como forças opostas, considerando um em detrimento do outro. (...), o ser humano é indivisível, pois trata-se de uma unidade social dialética. Cada pessoa é única, mas não é só isso, cada pessoa possui um psiquismo em que ocorre o processo de internalização das experiências vivenciadas no meio social. O ser humano é forjado em meio às relações sociais que se constituem em suas vivências no e com o mundo. Sendo que vivência, é a relação que temos com o mundo de

modo singular e particular. A vivência é única para cada pessoa (MARTINEZ, 2017, pp.99-100)

Todos esses fundamentos são os pilares da nova educação. Aliás, Vigotski (2003), defende uma psicologia pedagógica, pois, para ele, “o processo de educação é um processo psicológico, o conhecimento dos fundamentos gerais da psicologia ajuda, naturalmente, a realizar essa tarefa de forma científica” (VIGOTSKI, 2003, p. 41).

Ao pensar Educação como uma psicologia pedagógica, como ciência do comportamento educativo integral e consciente, o autor traz as artes como importante ferramenta para o desenvolvimento humano em sua integralidade.

ARTE: FERRAMENTA DAS EMOÇÕES E TÉCNICA SOCIAL DOS SENTIMENTOS

Para Vigotski (1984), cada atividade criada na cultura tem uma função para o desenvolvimento humano, gerando um tipo específico de consciência, que auxiliará na regulação do próprio comportamento na vida cultural. A possibilidade de regular o próprio comportamento, ou seja, de ter consciência, seja sobre si ou sobre o mundo é uma ação de liberdade. Significa não ser regido por regras, padrões ou normas ocultas e inacessíveis para as pessoas.

A arte, para o autor, é a ferramenta das emoções, a técnica social dos sentimentos. Ela é a atividade humana que nos permite ter consciência de nosso mundo emocional.

Vigotski (2001), afirma que temos acesso apenas a uma pequena parte de nossas reações, mediante os estímulos que nos chegam a cada minuto, em nosso cotidiano. As artes são organizadas nas mais diversas formas, conteúdos e materiais artísticos, entre esses materiais, as emoções, que são constituídas em formas de signos organizados pelas cores, sons, palavras entre outros. Em sua vivência, na relação pessoa-arte, cria-se condição para a consciência desse mundo emocional impregnado culturalmente em nossas vidas. Não é algo do criador, nem do receptor. É algo experienciado na cultura, organizado intencionalmente e materializado em cada arte.

Situadas no campo educativo, o objetivo das artes passa a ser o de vivência dos materiais, formas e conteúdos das diversas linguagens, para adentrar, de modo criador, ativo, intelecto-afetivo, os universos culturais que se podem acessar por meio dessa atividade humana. Expressar, criar, compreender, sentir, perceber, refletir tudo o que envolve a arte. É esse processo, in-

tencionalmente organizado para uma vivência artística, dessa forma, que Vigotski chama de educação estética.

A tarefa educativa no campo das artes, desse modo, passa a ser o desenvolver-se em cada uma delas, artisticamente, desenvolvendo o humano que há em si. “Eu sou uma relação social comigo mesmo”. Vivenciar a dimensão emocional pela experiência artística é acessar o emocional da humanidade, histórico culturalmente constituído, que também é o emocional para si, presente nas artes, que ambos, criador e receptor conhecem muito bem, pois vivenciam o que há na arte na própria vida, como seres histórico-culturais. Daí, a consciência da particularidade social (PEDERIVA, 2009).

A educação no campo das artes deve trabalhar com processos, muito mais do que com produtos. O desenvolvimento educativo em artes é terreno de experimentação, dos acessos emocionais, das experiências artísticas constituídas ao longo da história e da cultura. Por isso, o objetivo das artes não pode ser instrumentalizado como atividade educativa, pois educação é atividade para o desenvolvimento humano na cultura.

Para Gonçalves:

Na sociedade de mente escolarizada, o ensino expositivo ou direto tornou-se o pilar da educação escolar que ainda presume ser o educando uma “tábula rasa”. Vigotski é cético em relação ao ensino direto, conteudista, no qual o professor seria o detentor do conhecimento responsável por educar e instruir o educando. Na contramão de pedagogias do passado e algumas da atualidade, Vigotski alega que é impossível educar alguém e que na verdade, o grande professor das pessoas é a própria experiência (GONÇALVES, 2017, p.131).

A vivência estética, para Vigotski (2001), não é um meio para obter resultados pedagógicos alheios à estética, pois a educação estética tem um fim em si mesmo, como qualquer atividade humana possui. Portanto, como atividade educativa, ela deve ser vivenciada com base em princípios educativos e estéticos, como unidade que é.

Para o autor:

A tarefa da educação estética, como toda educação criativa, deve partir (...), da existência dos elevados dons da natureza humana e da suposição de que as maiores possibilidades criativas estão presentes no ser humano, e que se deve dispor e orientar as influências educativas para desenvolver e manter essas possibilidades (...) Os dons também se transformam em tarefa da educação (...) a possibilidade criativa que cada um de nós possui, de se transformar em co-partícipes de Shakespeare em suas tragédias e de Beethoven em suas

sinfonias, é o indicador mais claro de que em cada um de nós existe potencialmente tanto um Shakespeare quanto um Beethoven (VIGOTSKI, 2003, p. 244).

Vigotski nos permite compreender a arte nas bases de sua teoria histórico-cultural, de uma psicologia pedagógica, não somente como um direito social, mas, também e, principalmente, como uma possibilidade de todos, já que a arte, para ele, e uma necessidade humana, uma organizadora de nosso comportamento, uma atividade equilibradora da vida, em que podemos vivenciar, de modo consciente o campo das emoções.

A educação social, Para Vigotski (2003), deve orientar-se para a ampliação máxima dos limites da experiência pessoal e restrita. Ela deve organizar o contato do psiquismo infantil com as mais amplas e diversas experiências sociais da humanidade. As crianças devem ser inseridas na vida de modo mais abrangente possível. Esse seria o caminho para uma educação estética.

Por meio da arte, no sistema da educação estética, as crianças devem ser incorporadas à experiência estética da humanidade. Aproximar a criança da arte e, por meio dela, incorporar nela o que a humanidade realizou ao longo de milênios, sublimando o seu psiquismo, é a maior tarefa para a educação estética, para uma nova educação, para um novo ser humano, para uma nova sociedade.

EDUCAÇÃO ESTÉTICO-MUSICAL: O DESENVOLVIMENTO DA MUSICALIDADE

A atividade musical pode assumir várias funções nas diversas sociedades. De entretenimento, terapêutica, etc. Mas, pensar a música como atividade educativa, nas bases da teoria histórico-cultural, significa compreendê-la como educação estética.

Como afirma Gonçalves,

Na perspectiva histórico-cultural, falar de música é relacioná-la à estética e também às emoções que ela, enquanto arte que é, implica no ser humano. Vigotski colocou a estética a

serviço da educação e por isso mesmo, estabeleceu uma educação estética. (GONÇALVES, 2017, p. 195)

Para Gonçalves,

Devemos ressaltar que a arte da música, na teoria histórico-cultural, é compreendida simultaneamente como uma questão psicológica, educativa e estética (...) Enquanto uma questão psicológica, a arte da música deve estar também centralizada no campo das emoções, dos efeitos estéticos, das reações estéticas, etc. Ou seja, a perspectiva histórico-cultural de Vigotski permite entender a arte da música enquanto atividade psicológica que não se desvincula da atividade estética e nem mesmo da atividade educativa (GONÇALVES, 2017, p. 234)

Como atividade educativa, a educação musical envolve o trabalho pedagógico que deve ser organizado de forma intencional para o desenvolvimento da musicalidade dos estudantes.

Educar é alargar experiências. No caso da atividade musical, isso significa desenvolver a musicalidade que há em todas as pessoas, ou seja, ampliar as experiências sonoras para que elas possam reconhecer e reconhecer-se em cada organização sonoro-musical intelecto-afetiva das diversas culturas em diferentes épocas da humanidade, que possam, ainda, experimentar materiais sonoros, expressar-se de diferentes formas e organizar criadoramente novas possibilidades musicais.

Nossas experiências, nossas vivências e nossa musicalidade são frutos de processos longos que, muitas vezes, precedem nossa própria existência. Ou seja, quando nos referimos às experiências, não estamos atentos somente àquelas que são, para nós, evidentes, as que nós percebemos e que temos consciência de quando às adquirimos. As experiências se dão por toda nossa vida. No cotidiano, em qualquer de nossas atividades, desde as (ditas) simples às (ditas) complexas (REZENDE, 2018, p.20).

Em meios a processos criadores na relação com a atividade musical, cria-se a possibilidade da vivência estética. É por meio da vivência estético-musical nas bases descritas anteriormente, que cada pessoa pode reconhecer-se como indivíduo social que é em sua unidade intelecto-afetiva, como ser cultural que carrega em sua personalidade, em seu mundo emocional, as marcas da história sonora.

Essas marcas estão amalgamadas em cada signo sonoro que estrutura as organizações musicais materializadas em for-

ma de estilos musicais. Elas podem ser encontradas no som de um objeto que faz parte de nossa experiência cotidiana que costuma nos gerar desconforto psíquico, como por exemplo, no som de uma buzina, no som harmonioso de pequenos pássaros, na sonoridade histórica e aterrorizante de fuzis ou de tiros de canhões de guerra que, se não experienciamos presencialmente, o fazemos por meio dos meios de comunicação, tal como um filme de televisão, ou pelas telas do cinema, ou ainda, no som da voz que acalanta buscando o conforto e a calma.

Todas essas manifestações sonoras são materiais que podem ser enformados e organizados como conteúdo para as músicas em diferentes sociedades e culturas. Quando seus criadores organizam seus “textos musicais”, o fazem com o cimento psíquico que liga a sonoridade, aos seus materiais, formas e conteúdos que possuem, por essência, caráter emocional.

No processo de sua vivência, nessas manifestações sonoras, nos reconhecemos psiquicamente como seres histórico-culturais emocionais. Isso cria condições de possibilidade para a ampliação de nossa consciência frente à dimensão emocional presente na vida, no âmbito das artes.

Sendo a arte da música uma “emoção pura”, ela se torna, juntamente com a educação, entendida como a própria vida, uma unidade de suma importância para a criação de condições de possibilidades para o desenvolvimento do sentimento do ser humano e da compreensão psicológica e consciente de suas próprias emoções. Isto nos possibilita dizer que pensar a unidade dialética educação-música é também conceber uma educação musical dos afetos (GONÇALVES, 2017, p.246)

Para a organização de um processo educativo musical como educação estética, há uma infinidade de possibilidades. As sonoridades do corpo, os diferentes sons da natureza, os sons dos objetos que nos rodeiam, as diferentes paisagens sonoras que compõem os espaços sociais (bibliotecas, hospitais, escolas, estádios de futebol, a cozinha da nossa casa, cemitérios, parques, etc.), os inúmeros estilos musicais, instrumentos musicais, etc. Todos esses signos sonoros carregam diferentes e singulares expressões do mundo emocional historicamente constituído.

Os processos educativos musicais, como processos de educação estética, permitem a experimentação consciente dessas fontes, de modo intelecto afetiva, voltada para a consciência do efeito que eles produzem em nós, e não apenas de um trabalho de puro reconhecimento cognitivo. Por isso, eles ampliam

nossa consciência sobre o mundo dos afetos, a consciência de nossa particularidade (PEDERIVA, 2009).

Dessa forma, ao invés de sermos escravos de um universo sonoro que se ancora em nosso subconsciente e que regula de diferente modo as nossas emoções, porque eles não passam de modo despercebido para nós, nos tornamos seres de consciência.

Assim, somos capazes de regular o nosso próprio comportamento em meio ao mundo dos sons (que é o mundo dos estados afetivos), para nós mesmos, para as relações humanas e para todo o mundo que nos rodeia, natureza e cultura. Permite-nos escolher o que queremos do mundo, com o mundo e para o mundo. Tornamo-nos seres de liberdade.

Gonçalves corrobora:

As emoções são uma extensão do próprio corpo, na realidade. Contudo, boa parte da educação escolar tenta por tudo crer que seja possível eliminar os sentimentos pela via da medicalização, inclusive. Quem mais lucra com tal situação é a indústria farmacêutica que ocupa uma das primeiras posições em vendas no mundo. É também por meio de remédios que a emoção tem sido aniquilada e com ela, o corpo e toda a potência dele de ser, estar, agir e **criar** no mundo. Esquece-se que a **atividade intelectual é desejante** (!) e que o ato de conhecer somente se dá em toda a sua plenitude se for levado em consideração a condição humana essencialmente afetiva (...) onde o seu “desenvolvimento tem como fonte o **ambiente** e a **criação**, a determinação e a liberdade (GONÇALVES, 2017, p.142).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar musicalmente por meio de uma educação estética é educar para a integralidade humana. Há uma linha muito tênue entre educação, arte e terapia nesse processo. Isso porque a arte é, enquanto atividade humana, uma atividade organizadora e equilibradora das emoções, uma técnica social dos sentimentos, uma ferramenta das emoções, nas palavras de Vigotski (2001).

Desse modo, se pensarmos educação como ferramenta do desenvolvimento integral, em todas as dimensões possíveis que nos constituem humanos na cultura, essa equilíbrio, além de ser um processo educativo, e talvez, por isso mesmo, como tal, é também um processo terapêutico.

Além do mais, se arte é vida e se educação só pode acontecer verdadeiramente em todos os espaços da vida, incorporando todas as dimensões do humano, estamos falando de um

processo que só pode ser tratado em sua unidade: vida-educação arte-terapia.

Na perspectiva histórico-cultural de Vigotski (...) há a superação desses dualismos – biológico e cultural; indivíduo e sociedade – tais aspectos da constituição humana não são compreendidos como forças opostas, considerando um em detrimento do outro. (...), o ser humano é indivisível, pois trata-se de uma unidade social dialética. Cada pessoa é única, mas não é só isso, cada pessoa possui um psiquismo em que ocorre o processo de internalização das experiências vivenciadas no meio social. O ser humano é forjado em meio às relações sociais que se constituem em suas vivências no e com o mundo. Sendo que vivência, é a relação que temos com o mundo de modo singular e particular. A vivência é única para cada pessoa (MARTINEZ, 2017, p.108)

Essa é a educação estético-musical que defendemos e que acreditamos. Uma educação intelecto afetiva para seres indivíduo-sociais, que são uma unidade orgânica mente-corpo.

A educação musical como educação estética deve incorporar na organização de seu processo educativo cada ato criador, cada expressão sonora, timbres, ritmos melodias, instrumentos, materiais, formas, conteúdos, sonoridades, estilos, expressões. Elas significam formas de estar e sentir esse mundo. Em seu cerne, podemos encontrar a dimensão emocional, sentidos de ser e estar na vida.

Talvez, essa seja a dimensão que desconhecamos de nós mesmos, por renegar os aspectos emocionais da vida no campo educativo. Experimentando-a e vivenciando-a por meio da arte, estaremos adentrando, nos espaços esquecidos e adormecidos da vida, da existência humana.

REFERÊNCIAS

CARUSO, Marcelo. Introducción Histórica. Em: VIGOTSKI, Lev Semionovich _____. **Pensamiento y habla**. Buenos Aires, Colihue, 2007.

GONÇALVES, Augusto Charan Aves Barbosa. **Educação musical na perspectiva histórico-cultural de Vigotski: a unidade educação-música**. Tese de Doutorado. PPGE UnB. Brasília, 2017. 282 pp. Acesso em 29/04/2018. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/31392>>

MARTINEZ, Andréia Pereira de Araújo e PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. Um breve olhar para o

passado: contribuições para pensar o futuro da educação musical. In: **Revista da Associação Brasileira de Educação Musical- ABEM-** v. 21, n. 31 (2013) Acesso em 29/04/2018. Disponível em

<http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaABEM/index.php/revistaabem/article/view/6>

MARTINEZ, Andréia Pereira de Araújo. **Infâncias musicais: o desenvolvimento da musicalidade dos bebês**. Tese de Doutorado, PPGE UnB. Brasília, 2017. 307 pp. Acesso em 06/05/2018. http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31631/1/2017_Andr%C3%A9iaPereiradeAra%C3%BAjo.pdf

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. **A atividade musical e a consciência da particularidade**. Tese de Doutorado. PPGE UNB. Brasília, 2009. 207 pp. Acesso em 29/04/2018. Disponível em:

http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/4430/1/2009_PatriciaLimaMartinsPederiva.pdf

PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa: traduções de Lev Semionovich Vigotski no Brasil**. Campinas, Autores Associados, 2012.

REZENDE, Murilo. **Escolas da vida: experiências que tecem musicalidades - A folia do Palmital**. Tese de Doutorado- qualificada em dezembro de 2017. PPGE UnB. Brasília, pp. No Prelo.

VYGOTSKI, Lev Semionovich. **Obras escogidas IV: psicologia infantil**. Madrid, Visor, 1984.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. _____. **Psicologia da Arte**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. _____. **Psicologia Pedagógica**. Edição comentada. São Paulo, ARTMED, 2003.

Observação: O nome Vigotski foi transliterado de diferentes formas no Brasil.. Apresenta-se assim, ora com y, ora i em diferentes publicações.

CURRÍCULO

* <http://lattes.cnpq.br/6354485124876296>